

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA

THAMINY GOMES BRITO

DOCUMENTÁRIO
OS MÉDICOS DA FÉ

VITÓRIA DA CONQUISTA

2015

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA

THAMINY GOMES BRITO

DOCUMENTÁRIO
OS MÉDICOS DA FÉ

Trabalho apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Cinema e Audiovisual pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, sob orientação do professor Cristiano Figueira Canguçu e coorientação de Grayce Mayre Bonfim Souza.

VITÓRIA DA CONQUISTA

2015

DEDICATÓRIA

À minha família que sempre me apoio em todas as minhas escolhas. Que contribuiu diretamente em minha formação, e a quem devo tudo. Pois hoje sou quem sou, graças aos seus estímulos, ao amor e a dedicação que me foi oferecido.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas os professores que estiveram presentes em minha caminhada, desde Tia Amélia nos primeiros anos de colégio, aos professores que se seguiram no decorrer dos anos e que só contribuíram positivamente, tanto em minha educação, quanto na formação do meu caráter, direta ou indiretamente.

Aos professores da UESB, agradeço pelo esforço em nos ensinar um pouco da sétima arte. Senti que cada um deles, mesmo tendo um curso inicialmente tão necessitado de equipamentos e com um corpo de professores ainda em construção, sempre estiveram presentes tratando os empecilhos como pequenas adversidades, buscando nos oferecer o melhor possível para a realidade que nos cercava. Hoje fico feliz ao ver que após muitas dificuldades, o curso tem caminhado a passos largos alcançando muitas vitórias.

Agradeço as portas que me foram abertas nos estágios da PROVIDEO e na Tv Sudoeste, pois nelas colhi frutos que levarei pra vida, tanto de convivência, quanto profissional. Aos meus colegas, que foram como uma família, sempre dispostos a me ajudar.

Agradeço meu orientador Cristiano Canguçu, por ter aceitado me orientar e por ter me apoiado sempre desde o início do curso.

Agradeço principalmente a minha família, que sempre esteve presente em tudo e que constantemente apoiava minhas escolhas, principalmente as relacionadas aos estudos.

Por fim, agradeço a Deus, pois somente graças a ele tudo se tornou possível.

“EU NÃO VOU CONHECER TODOS OS LUGARES QUE DESEJO, NEM TUDO E TODOS QUE QUERO. NÃO POSSO VIAJAR NO TEMPO. NÃO CONSIGO ACABAR COM A SAUDADE, NEM CONSEGUIREI. EU VOU MORRER ALGUM DIA. O CINEMA É SÓ UM SONHO.”

(CINEMA PARADISO)

RESUMO

Mais conhecidos como benzedeiros, os homens e mulheres que oram e produzem medicamentos com ervas retiradas da natureza, estão se tornando cada dia mais raros. É possível encontrá-los ainda em sua grande maioria em pequenos centros urbanos, que persistem em manter essa função muitas vezes passada de pai para filho, e que se perpetuou através da oralidade. O documentário busca em seus personagens, moradores da cidade de Belo Campo, a chance de demonstrar o quanto essa prática ainda tem a oferecer ao povo, tanto de forma religiosa através da cura, quanto cultural. E também lançar uma discussão à respeito do futuro dessa prática, que vem se tornando cada dia mais escassa.

Palavras Chaves: Benzedeiros, Memória, Preservação, Cultura, fé.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. OS PRIMÓRDIOS DA BENZEDURA.....	11
2.1 A Formação Histórica.....	12
2.2 A igreja	14
2.3 Cultura.....	16
2.4 Memória.....	19
3. REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA.....	21
3.1 O processo de realização do documentário os médicos da fé.....	21
3.2 O processo de realização do documentário “Os Médicos da Fé”	22
3.3 Pós-produção.....	28
3.4 Questões que permearam o documentário	29
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
5. REFERÊNCIAS.....	39
6. APÊNDICE	40

1. INTRODUÇÃO

É procedente na história cultural do povo brasileiro recorrer a religiões. Desde meados do século XVII, utilizam-se as orações e o misticismo para solucionar problemas amorosos, financeiros, alcançar paz de espírito e a cura para doenças. São práticas que se utilizam da fé para alcançar o que se é pedido.

E é na procura de libertação de “maus olhados” e da cura de algumas enfermidades que muitos procuram os benzedeiros e seus ramos na busca de libertação da inveja alheia e de doenças tanto físicas quanto espirituais, como uma “espinhela caída”, “carne quebrada”, encosto e “quebranto”.

Isso leva nosso interesse à cidade de Belo Campo que possui, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2014, uma população estimada em mais de 18.459 habitantes, com um território de 629,068 km². Uma pequena cidade, que ainda carrega muito de uma cultura que está presente de forma forte em seus idosos, os quais fazem questão de continuar os rituais de benzeduras um dia ensinada por seus antepassados.



Entrada da cidade de Belo Campo –BA. Foto: Thaminy Brito

Esta prática secular, passada de geração a geração através da oralidade, impressiona pelos resultados alcançados através da fé, tanto dos benzedeiros, quanto daqueles que os procuram para receberem as orações.

Essa cultura vem sendo pouco estimulada e procurada pelos mais jovens, até mesmo pelos parentes, que poderiam assumir tal função, pois, com as demandas contemporâneas de desenvolvimento e a grande influência do desenvolvimento econômico dos grandes centros urbanos em pequenas localidades, há uma perda gradativa de elementos tradicionais dessas culturas locais, como no caso, a prática do benzedeiro.

Através do documentário, o que se pretende é estimular essa discussão, falar um pouco sobre a história que está por trás dessa prática, a influência das culturas que a envolvem e mantém viva, a fé que ela carrega, o uso das ervas medicinais e o quão importante ela é para a história do povo brasileiro, além da necessidade de preservá-la para que esse saber não seja perdido ou esquecido frente às transformações da sociedade como um todo.

Considerados por muitos como médicos populares, os benzedeiros ou rezadeiras se baseiam em práticas religiosas e em ervas medicinais para a cura de doenças tanto físicas quanto da alma. Utilizam-se de chás caseiros e simpatias que ultrapassam diversas gerações, que combatem tanto enfermidades comuns, quanto as enfermidades conhecidas por: “carne quebrada”, encosto, quebranto, mau-olhado, e inveja. As pessoas que procuram esses “médicos”, buscam não só a cura do corpo, mas também da alma.

Uma prática cultural que faz parte do cotidiano da população nas cercanias país afora, antes utilizadas com mais fervor, hoje sendo apenas encontrada nesses centros urbanos pequenos, em que a cultura e crença no invisível ainda prevalecem, ou onde o acesso à saúde básica é precário, sendo necessário o uso das ervas medicinais amplamente utilizadas no passado. Essa tradição vem sobrevivendo em meio a inovações tecnológicas, mas corre o sério risco de se perder com o tempo, pois como tantos outros elementos ligados a cultura popular está subjugado às transformações históricas no tempo e no espaço.

Para os benzedeiros, a fé é um requisito para que a cura seja alcançada e a crença deve ser parte constante dos rituais por eles realizados, bem como a utilização de ramos e objetos como o terço devem estar presentes nos mesmos. Normalmente as consultas são feitas em suas casas, em local especialmente destinado a isso, e utilizam das ervas medicinais sempre acompanhadas de bênçãos e promessas. É aprendida e mantida em sigilo pelos mesmos, até o momento de passarem seu conhecimento adiante, para o que consideramos, um aprendiz.

Todos eles, considerados sábios em suas comunidades, aprenderam tudo por meio oral, uma prática que vem sendo passada de geração a geração, para aqueles que como eles além do interesse devem também possuir um dom especial para as benzeduras e trato com as ervas.

Para entender melhor essa prática e os sérios riscos de extinção que a mesma corre, será percorrido um percurso histórico-cultural, criando um paralelo entre as várias culturas que

possibilitaram a disseminação de tal atividade. Uma habilidade que é compartilhada somente para um determinado grupo social que possui os mesmos valores e que se torna cada dia menor.

Por fim, o objetivo de documentar tal prática, é tornar passível aos indivíduos que não estão diretamente ligadas a elas, e os que as desconhecem, que vislumbrem um pouco mais sobre a sua formação histórica e sua importância cultural, além de sua presença atualmente na nossa sociedade, mesmo que não esteja mais tão em voga nos usos e costumes contemporâneos das sociedades modernas.

O objetivo geral desse estudo foi realizar um documentário sobre o saber e a prática dos(as) benzedeiros(as), a fim de registrar esse conhecimento que vem se tornando cada dia mais escasso.

Os pontos a serem tratados durante o percurso do trabalho consistem em informar sobre a importância histórica da prática das bênçãos, provocar uma reflexão sobre como essa prática vem ou não sendo passada de geração à geração, documentar imagneticamente essa tradição que faz parte da história do país e que corre o risco de se perder com o tempo e relatar as histórias e fatos de pessoas que conseguiram alcançar uma melhora através das orações, narradas pelos benzedeiros.

2. OS PRIMÓRDIOS DA BENZEDURA

Segundo os estudos expressos no texto, “Ramos, rezas e raízes: a benzedura em Vitória da Conquista” (1999), da pesquisadora Grayce Mayre Bonfim Souza, parte das técnicas desenvolvidas pelos benzedeiros foi obtida através de um estudo do meio em que estas vivem, de seus conhecimentos sobre a fauna e flora e suas propriedades medicinais. Uma atividade desenvolvida através de práticas variadas, aperfeiçoadas no decorrer de séculos, por meio de métodos de observação, comparação e classificação, que se diferem das práticas modernas, mas que também alcançam resultados.

Essas práticas medicinais que antecedem os benzedeiros, são segundo a autora, herdadas dos curandeiros primitivos, homens que possuíam habilidades para tratar doentes. Os índios faziam parte desse grupo responsável pelo conhecimento passado aos benzedeiros. Segundo Souza (1999), seriam eles portadores de qualidades tanto de observação quanto de uma capacidade de metodologia do estudo dos fatos científicos relacionados aos animais e plantas. Eles estudam minuciosamente os detalhes e diferenças, tornando possível a classificação de ervas e de suas utilidades medicinais. Os benzedeiros “São os herdeiros de uma longa tradição científica” (SOUZA, 1999, p 26).

Também pontua a importância da sociedade brasileira nas práticas populares de cura durante o Período Colonial, destes que detinham o conhecimento das propriedades medicinais dos vegetais, minerais e animais. Um período histórico que não abraçou somente a contribuição do povo indígena, mas também dos africanos, mestiços e europeus daquele tempo, que também contribuíram com o acervo medicinal dos benzedeiros.



Ervas e plantas medicinais do quintal de senhor Adalho. Foto: Thaminy Brito

Este foi um momento histórico em que os curandeiros tonaram-se muito procurados, principalmente pelas pessoas mais carentes que não tinham acesso aos médicos, justamente por reterem essa carga de informação baseada em um conjunto de atividades de cunho medicinal e religioso. Uma população que sofria com a manipulação da igreja vinda com a chegada dos portugueses, que disseminavam um Deus que punia seus filhos pecadores através das doenças. Um discurso que segundo a pesquisadora Souza, não era praticado somente pelo clérigo, mas pela grande maioria da população, inclusive os médicos que, muitas vezes não relacionavam as enfermidades às suas causas reais, como má alimentação ou falta de saneamento, mas a fatores relativos às condições de vida da população.

Uma discussão que também é encontrada no artigo, *Rezas, Crenças, Simpatias e Benzeções: costumes e tradições do ritual de cura pela fé*, de Vanda Cunha Albieri Nery, que afirmação ser uma “Herança dos portugueses que ao chegarem ao Brasil sofreram influências dos índios e, posteriormente, dos africanos, sobretudo as mulheres. O conhecimento das plantas medicinais da colônia, dominado pela cabocla e pela mulata, unido ao das plantas medicinais trazidas pelos portugueses, foi sendo repassado de geração em geração, originando o costume de curar doenças por meio de recursos naturais.”(Nery, p. 2)

Para compreender melhor como surgiu a atividade dos benzedeiros, é necessário remeter-se ao período de formação do país, onde o sincretismo religioso e a miscigenação do povo brasileiro tornou possível tal atividade. Os povos-base para essa formação foram os índios, portugueses e africanos como citados anteriormente.

2.1 A formação histórica

Antes da chegada dos portugueses, o território brasileiro era habitado por vários povos indígenas, que manifestavam uma diversidade cultural riquíssima. Quando chegaram os europeus os Tupis somavam cerca de 1 milhão de índios, divididos em dezenas de tribos, cada uma delas formadas por varias aldeias que traziam cerca de trezentos a 2 mil habitantes (apud, Fernandes 1949). Segundo o Fernandes, uma população muito parecida em números com a população daquela época em Portugal.

Eles adoravam vários deuses, e respeitavam os espíritos de seus antepassados. Viviam em prol da natureza e só retiravam dela o necessário para viver.

Segundo dados históricos expostos no texto, *O Povo Brasileiro*, de Darcy Ribeiro (1995), a costa atlântica por milênios foi habitada por povos indígenas, que disputavam os melhores locais

para habitarem, vivendo de forma nômade. Mas foi nos últimos séculos que os índios de fala tupi, conhecidos por serem “bons guerreiros começaram a se instalar em áreas com abundância de água (ao longo da costa do atlântico), e Amazônia acima, subindo rios como o Paraguai, o Guaporé, o Tapajós e suas nascentes” (Ribeiro, 1995, p. 29). Um povo por muito tempo dominador.

Foram os Tupis responsáveis pelos primeiros passos da revolução agrícola indígena. Domesticaram várias plantas retirando-as da selva e plantando-as em seus roçados. A agricultura que lhes assegurava fartura alimentar durante todo o ano e uma grande variedade de matérias-primas, condimentos, venenos e estimulantes e ervas medicinais.

“Além da mandioca, cultivavam o milho, a batata-doce, o feijão, o amendoim, o tabaco, o urucu, o algodão, o carauá, as pimentas, o abacaxi, o mamão, o guaraná, entre muitas outras plantas. Inclusive dezenas de árvores frutíferas, como o caju, o pequi ” (Ribeiro, 1995, p.32). Mas com a chegada dos europeus essa realidade foi alterada. Com eles vieram as pestes mortais ao povo indígena, as disputas cravadas por eles pelo território e riquezas até então indígena, e a escravidão.

Os índios segundo Ribeiro, por sua vez ao notarem a aproximação dos europeus, acreditaram que estes seriam “gente de seu deus sol”, que vinham sobre as águas. Uma visão que foi alterada com o passar dos anos. Com o tempo ocorreu a destruição das bases sociais indígenas, eles foram forçados a negar seus valores, foram presos, outros se entregaram a morte, morriam de tristeza por não acreditarem num futuro onde teriam que negar suas origens.

Os índios que outrora viviam nus nas praias, encontravam tudo que era necessário para sua sobrevivência na natureza, desde alimento a raízes e ervas medicinais, e acreditavam ter tudo aquilo pois seus deuses assim queriam e os abençoavam diariamente. Enquanto isso os portugueses chegaram carregados de culpa, pecados e julgamentos, acerca do modo de vida indígena e de suas crenças, considerando-os inúteis e preguiçosos.

Segundo Ribeiro, os índios lutaram de muitas formas para que sua liberdade e cultura prevalecesse: quando estaleceu-se o conflito aberto entre eles e o europeus, houve por parte dos Tupis uma formação de confederações regionais, mas que logo desapareceram. A mais importante foi a Confederação dos Tamoios, uma aliança feita com os franceses instalados na baía de Guanabara que reuniu em 1563 a 1567, os Tupinambá do Rio de Janeiro e os Carijó do planalto paulista.

Após serem forçados ao trabalho escravo, expulsos de suas terras, sujeitos ao contato com várias doenças trazidas pelos europeus e a guerra. A igreja católica impôs aos índios através das missões jesuítas a catequização, forçando-os à prática da cultura ocidental. Os jesuítas disseminaram seus símbolos religiosos, uma imposição que poderia ter dado fim aos costumes e práticas milenares.

Fundamental para a formação do povo brasileiro, a Igreja Católica chega de forma repressiva, impondo sua doutrina, caçando todos que segundo ela praticavam ações consideradas heresias, jugando-os e condenando-os, numa missão que pretendia segundo ela, ser salvadora, buscando juntar todos os homens numa única fé, a cristã.

Os que fugiram mata a dentro desse convívio com a fé dos brancos levavam em seus corpos doenças que os dizimariam e a todos os outros povos indígenas que com eles mantivessem contato. Doenças como a coqueluche, a tuberculose e o sarampo. Foram as primeiras epidemias relatadas pelos estudiosos e afetou cerca de 40 mil índios no século XVI, reunidos pelos jesuítas nas aldeias do Recôncavo Baiano, onde cerca de 37 mil deles morreram de varíola. Ou ainda muitos que ficaram tornaram-se escravos, já que os colonos se viam impedidos de comprar escravos negros pelo alto custo e substituíam os mesmos por índios. (Ribeiro, 1995 p, 47 e 52)

Em poucas décadas a população indígena foi dizimada. Dando lugar ao que antes eram terras indígenas livres a três novos povos. A formada pelos escravos africanos que trabalhavam em sua maioria em portos e engenhos, a segunda por brancos, e a terceira por índios que ou eram escravos, ou viviam em aldeias regidas por missionários.

2.2 A Igreja

Os missionários julgavam os índios, assim como julgariam os africanos posteriormente, através de suas práticas culturais. Demonizando tudo e todos que fossem contra a suas crenças. Após muita resistência, muito da cultura indígena foi salva e incorporada à brasileira. Muito da culinária, como pratos a base de milho e mandioca que se misturaram a ingredientes europeu e africanos, quanto da dança, como o *lundu* que se tornaria depois o maxixe e a modinha. E o mais importante para a constituição dos benzedeiros, as ervas medicinais e os conceito espirituais.

Já os negros vieram ao Brasil como alternativa para a mão de obra indígena que eram frágeis às epidemias. Os colonizadores não viram a cultura africana com bons olhos, bem como haviam feito com a indígena, tanto que impuseram as próprias tradições culturais a eles, proibindo-os de praticar a sua. Na busca de formas alternativas de cultivar suas crenças, os negros buscaram adaptá-las à dos brancos, resultando o que chamamos hoje de cultura afro-brasileira.

Segundo os católicos daquela época, a prática religiosa cultural africana era considerada uma atividade de feitiçaria. A igreja proibia que os negros adorassem seus deuses, estipulando uma punição para aqueles que fossem pegos praticando.

As orações e ervas, eram muitas pedidas por sinhás às suas escravas que preparavam as escondidas. O conhecimento das ervas não foi unicamente dos índios, visto que os africanos também dominavam esse conhecimento. Prática resgatada pelos benzedeiros.

Segundo Andrade (2011), os cultos africanos chamados *Calundu*, eram temidos principalmente pela existência de magias e por reunir negros. Foram os Curandeiros no período colonial, num momento em que o Estado oferecia péssimos serviços de saúde, os responsáveis por preparar os xaropes de ervas para a população. Sendo por vezes concedidos a eles poderes mágicos, adjetivos que os tornavam temidos. Essa prática de curandeirismo não era somente realizada pelos negros: os índios especialmente os pajés também a praticavam. Esta era, assim, outra prática comum aos rezadores.

Para o autor citado acima, há duas vertentes religiosas de cultos africanos no Brasil. As que surgiram a partir dos escravos do Reino Dome, conhecidos como *Jejes*; e dos escravos de idioma *ioruba*, conhecidos como *Nagôs*. Os *Calundus* (Candomblé) que se originaram dos *Jejes* acabaram por “aderir” ao catolicismo. Já os de *nagô*, não só aderiram ao catolicismo, como também aos cultos indígenas. Inserindo também partir de 1930 elementos espíritas. O que ocorreu graças à presença de pessoas oriundas dessas religiões. Ainda tiveram a junção dos rituais africanos, com indígenas, católicos e espíritas, que originaram a umbanda. (Andrade, 2011, p.25)

A natureza, o fogo, e o ar são elementos sagrados para o candomblé. Cada um deles é representado por um orixá e todos eles pertencem ao criador. Assim também é para os índios, para eles as folhas são consideradas a magia, estas que só tem valor enquanto vivas, e que também são utilizadas nas orações dos benzedeiros, a fim de enviar todos os maus espíritos, doenças, olho gordo e inveja para os cantos mais distantes da terra. (Andrade, 2011, p.26)

O candomblé também cultua os ancestrais e respeita a sabedoria dos mais velhos. Os idosos são considerados sábios e repassam seus conhecimentos para os mais jovens, seus filhos de fé, toda a bagagem que carregam sobre a sua cultura religiosa. (Andrade, 2011, p.26)

Para praticar sua religião, os negros associaram os santos católicos aos seus orixás. Tornando possível a prática de suas crenças. Foi graças ao sincretismo, essa mistura de doutrinas, que tornou-se possível o que chamamos de cultura afro-brasileira e mais tarde uma das bases religiosas para os benzedeiros.



Senhor Esperdião em frente seu altar de santos. Foto: Thaminy Brito.

2.3 Cultura

Alfred Kroeber (apud Laraia, 2001, p. 17), definiu cultura como todo o comportamento aprendido com o tempo, tudo aquilo que independe de uma transmissão genética. Pois, todo ser humano pode ser educado em qualquer cultura, desde que seja sujeito a esta desde sua infância. Se levarmos um bebê brasileiro para a Itália, ele crescerá como italiano e herdará todos os costumes e características culturais italianas. Portanto as ações de um indivíduo são resultado do que se aprende no decorrer da vida, é acumulativo e não advém de sua genética.

Ou ainda, vemos nesse mesmo capítulo, a referência de Laraia à Franz Boas (1858-1949), responsável por desenvolver a chamada Escola Cultural Americana, que afirma ser a cultura formada a partir de em um fato ocorrido em particular na história do povo de uma determinada região, que a formação cultural desses seria adquirida graças às respostas que estes deram aos diferentes eventos históricos que enfrentaram.

Já segundo Hall (1987), a identidade cultural é uma “celebração móvel”, ou seja, não é fixa. Além disso, é “formada e transformada continuamente através da relação que mantemos com os sistemas culturais que os rodeiam”. Assim também, a identidade cultural é definida historicamente e não biologicamente. Pois, segundo o autor “Dentro de nós as identidades são contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas.”

Portanto, após as citações dos três pesquisadores acima conclui-se que, a cultura de um povo é formada por processos históricos advindos de respostas a fatos ocorridos, mas que os indivíduos estão sempre sujeitos a modificações dos meios que os cercam, independente da genética, ou da cultura inicial que lhes é imposta. Vivem num processo de aprendizagem constante, buscando a adaptação, quando necessária.

Fator que ocorreu no Brasil, onde a cultura europeia foi imposta aos índios que se viram forçados a aceitar e se adaptar a esta nova, que não os agradava e que vinha de encontro às suas crenças. Assim também ocorreu aos escravos africanos, que se viram obrigados a adaptar as suas às portuguesas. Pois é certo que a cultura em que está inserido o individuo condiciona sua visão sobre o que lhe cerca. E é baseando-se na sua que este mesmo observa e julga a alheia.

“Transfiguração étnica é o processo através do qual os povos, enquanto entidades culturais, nascem, se transformam e morrem.” (Ribeiro, 1995, p. 257)

Segundo Ribeiro, os índios se viram forçados, assim como os negros, à se adaptar a uma nova cultura a fim de viabilizarem sua existência. Para o autor existem quatro instâncias básicas que expõem essa transfiguração:

Primeiro, a biótica, pela qual os seres humanos, interagindo com outras forças vivas, podem transfigurar-se radicalmente. É o caso das epidemias trazidas pelo europeu, pelo africano e pelo asiático aos povos indenes das Américas, sobre os quais produziram imensa de população. Com respeito aos germes que o estranho trazia no corpo, já não o vitimavam, mas exterminavam quem dele se aproximasse. Uma segunda instância é a ecológica, pela qual os seres vivos, por coexistirem, afetam-se uns aos outros em sua forma física, em seu desempenho vital. Exemplificaria esse caso a própria introdução do europeu, com sua bicharada de vacas, bezerros, porcos, galinhas etc., que, disputando fatores vitais com a população autóctone, por um lado facilitam sua sobrevivência, mas por outro lado podem ser fatais. A introdução de animais domésticos no mundo asteca e no incaico promoveu uma verdadeira substituição da população indígena por criações animais.

A terceira instância da transfiguração étnica é a econômica, que, convertendo uma população em condição de existência material de outra, em prejuízo de si própria, pode levá-la ao extermínio. É o caso da escravidão pessoal, que, desgarrando uma pessoa de seu contexto vital para convertê-la em mera força de trabalho a serviço de outrem, custa enorme desgaste humano. Junto à interação econômica se dá toda a trama de relações sociais que, afetando os modos de coexistir, de conviver e ampliando ou estreitando suas oportunidades de se reproduzir, também exerceu papel fatal. Exemplifica essa interação a lei fundiária que, nos Estados Unidos, por exemplo, produziu milhões de granjeiros livres. Aqui proletarizou, urbanizando forçadamente milhões de trabalhadores, desencadeando o desemprego e a violência.

Uma última instância da transfiguração é a psicocultural, que pode dizimar populações retirando-lhes o desejo de viver, como ocorreu com os povos indígenas que se deixaram morrer por não desejar a vida que se lhes ofereciam. Aqui tem também um papel capital o ethos ou orgulho nacional de uma população que, uma vez quebrado, a dissuade de lutar para sobreviver na medida em que poderia

fazê-lo. O preconceito social e a discriminação, interiorizados em seus valores básicos, representam também um importante papel etnocida. (p. 257)

No Brasil isso pode ser visto quanto ao surgimento do brasilíndio que segundo o autor destrói seu gentio materno na busca de expandir-se. Assim também para com os negros que refugiavam-se nos quilombos, buscando sua sobrevivência e um reencontro com suas origens retirando-se do núcleo colonial.

Segundo Ribeiro “Surgimos da confluência, do entrelaçamento e do caldeamento do invasor português com índios silvícolas e campineiros e com negros africanos, uns e outros aliciados como escravos.” (1995, p. 19), e é graças a essa mistura de povos e de suas diferentes matrizes, tradições e cultura que se deu a formação do então povo brasileiro; Resultando numa chamada sociedade multiétnica. Uma nova sociedade que se diferenciava de suas matrizes formadoras, que era mestiça e graças ao sincretismo da mesma, tornou-se uma única cultura de ordem multiétnica.

E hoje somos uma só gente, descendentes de várias etnias, mas pertencentes a uma só, a brasileira. Um povo que fala a mesma língua mas que possui sotaques diferentes em cada região. Que para o estudioso citado, participando “de um corpo de tradições comuns mais significativo para todos que cada uma das variantes subculturais que diferenciaram os habitantes de uma região, os membros de uma classe ou descendentes de uma das matrizes formativas.” (1995, p. 22)

Uma sociedade à qual ele só foi possível se formar graças a implacável vontade de lucro que os europeus viam em suas colônias e escravos. O povo brasileiro nasceu a partir da necessidade de sobrevivência decorrente do passar do tempo. De povos que se viram forçados a um trabalho escravo e de uma realidade de imposições. Lutas seculares que foram cravadas por meio dos índios e negros contra a escravidão, onde índios foram dizimados e milhões de negros mortos .

“Era o brasileiro que surgia, construído com os tijolos dessas matrizes à medida que elas iam sendo desfeitas.” (Ribeiro, 1995, p. 30)

Nesse processo o que nos diferencia do povo português são as características oriundas das matrizes indígenas e africanas e as condições ambientais que nos tornaram únicos.

Somos frutos não apenas da simples miscigenação racial, mas dentre nossas qualidades estão a assimilação de aspectos culturais como a adaptação de elementos linguísticos, através da incorporação vocabular de índios e negros à língua portuguesa; a culinária amplamente incorporada ao nosso dia-a-dia, além de elementos da religiosidade que se faz presente em tradições como as benzedeadas, frutos do interesse desse trabalho.



Sino utilizado nas orações pelo Senhor Chico. Foto: Thaminy Brito.

2.4 Memória

Segundo o dicionário Aurélio, memória é a “faculdade de reter ideias, sensações, impressões, adquiridas anteriormente. Efeito da faculdade de lembrar.” Mas não seria só isso, segundo Vladimir Dantas (2012), a memória é um caminho prático de perceber o passado como referência principal, uma estratégia do pensamento ou percepção. As experiências passadas fecham-se e podemos acessá-las através de uma palavra, um sentimento, um livro. A construção do saber ou o que vamos aprender está diretamente ligado à memória. E é essa memória individual a responsável pela criação de uma memória coletiva.

Jacques Le Goff (*apud*, SANTOS, 2012, p.18) utiliza as definições de Andre Leroi-Gourhan para distinguir três tipos de memória: específica, étnica e a artificial. Destas três nos ateremos somente a uma delas para definir os Benzedeiros, a memória étnica, que está ligada à reprodução dos comportamentos nas sociedades humanas. Uma definição de memória que abraça as práticas e rezas praticadas por eles.

Ele afirma que toda memória humana está diretamente ligada ao indivíduo, ao observar o olhar que tem de si, acabamos por construir uma identidade.

Ainda, segundo Pierre Nora, “A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento,

inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações [...]” (1993, p.9)

Então, quando se pensa em instituições como os museus, cheios de obras materiais palpáveis que testemunham a evolução das sociedades e simbolizam parte de suas histórias mais se distancia da memória oral, dos ensinamentos passados oralmente de geração em geração e que ajudaram na formação de grande parte da memória desse povo. Como todo e qualquer espaço em que haja memórias pessoais e coletivas, sejam elas materiais ou imateriais, ter-se á um espaço responsável por difundir informações e ensinamentos; tão importante quanto as memórias disseminadas pela oralidade e relegadas a segundo plano.

A história oral sempre proporcionou conhecimento e formação da memória social e cultural. O grande risco da oralidade é que muito possa vir a se perder com o tempo, que conceitos equivocados surjam e que pessoas interessadas por essa sabedoria se tornem cada dia mais escassas.

Talvez seja por isso que pouco se saiba sobre o assunto “benzedeiros”, e que não haja grandes interesses em pesquisá-lo, uma vez que suas orações não são ensinadas a qualquer um, havendo retenção assim, de toda sabedoria restrita a seus praticantes.

É importante compreender e aprender um pouco mais sobre as manifestações culturais do nosso país. Os benzedeiros são um acalento para o povo que não tem acesso à saúde pública e para os que tem fé em suas orações e ervas. Que encontram a cura, tanto da alma, quanto do corpo.

Esses médicos populares, os benzedeiros, baseiam-se nas práticas religiosas cristãs, africanas e indígenas para curar seus doentes. Que pedem aos santos e divindades por suas interseções, utilizando ervas medicinais como os indígenas e africanos, acreditando na força dos espíritos e da natureza e no poder das folhas para coletar em enviar aos cantos mais longínquos todo o mal olhado e inveja.

3. REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

3.1 Discussão sobre o formato documental

“A filmagem é, portanto, um momento decisivo para documentário. Na verdade, o momento decisivo. Ela não garante a qualidade de um filme, mas garante, ao menos, a autenticidade de sua relação com o real. Ela não garante o acesso ao real, mas dá conta de uma vontade de aceder a ele. Ela não é fuga do imaginário que se insinua a todo momento, na escolha de uma tomada ou do enquadramento de um plano, ela é controle de imaginário que o cinema romanesco acabou impondo como um substituto da realidade. Ela não é fuga da ficção – que é marco do homem no mundo -, mas fuga das mistificações em todos os gêneros. Ela é uma maneira de viver filmando, o que impede de sonhar.” (Gauthier, 2011 p. 133)

É claro que não é possível fugir de certos pontos como o olhar do diretor, suas escolhas de planos e ângulos, ou da montagem responsável por dar corpo ao documentário, que oferece a quem o assiste um direcionamento em relação à temática retratada. Uma linha temporal, que demarca o início, meio e fim. Que tem o objetivo de narrar e “amarrar” os fatos à história.

“Em documentário esse controle é uma aquisição gradual. Parte-se necessariamente de uma busca àquilo que é externo ao cineasta. Essa busca envolve, necessariamente, uma negociação previa, para a viabilização do registro, que marca o início de um processo de troca entre um “eu” e um “outro”. O registro dessa troca obedecerá sempre o comando do diretor do filme responsável pela maioria das decisões de filmagem. De posse de todo material captado, será apenas na sala de montagem que o diretor, assessorado por seu montador, terá total controle do universo de representação do filme. O percurso é marcado pela perspectiva daquilo que está por vir, a captura de um real que gradualmente vai sendo moldado até se transformar em filme.” (Soares, 2007, p. 21)

Sabe-se que o espectador não está presente nos momentos da concepção filmica, para ele, tudo que é registrado parece-lhe real, mesmo que seja mero fruto de atuação. O foco do documentário foi fugir ao máximo das estruturas que escapassem ao real ou que apresentassem ao espectador momentos ficcionais.

Analisando, portanto, o papel que o diretor exerce e do qual não há como liberá-lo, minha busca por criar um filme que passasse, além de tudo, sinceridade e que buscasse a verdade nas falas de seus entrevistados permeou todo o processo. Para tanto, dediquei-me a fazer uma leitura prévia do conteúdo teórico sobre o documentário, cuja temática já me identificava, e sempre foi de meu interesse.

“O discurso do filme documentário tem por característica o de ser um discurso sustentado por ocorrências do real. Trata-se efetivamente daquilo que aconteceu, antes ou durante as

filmagens, e não daquilo que poderia ter acontecido como no caso do discurso narrativo ficcional.”(Soares, 2007, p. 39)

As escolhas relacionadas as perguntas a serem feitas foram simples, já que após ler os textos indicados pela professora Grayce Souza, obtive uma visão mais ampliada do tema. Como citado anteriormente, o foco era fugir de qualquer imposição ou direcionamento de respostas. Queria que tudo fosse confirmado, que os depoentes respondessem o que realmente ocorreu em suas formações e no que eles acreditavam. Assim, tudo se encaixou perfeitamente dentro das expectativas. Quando os questioneei sobre como aprenderam as orações, uns me disseram que foi através de um familiar que era Benzedeiro e outro afirmou ter sido Deus quem havia lhe ensinado.

Em outra questão, senhor Adalho remeteu-se a sua prática com as ervas a sua avó, que era índia, o que confirmou a forte relação da cultura indígena com a criação e formação dos Benzedeiros e suas práticas. Por fim, todas as respostas foram dadas à contento. Não necessitaram de direcionamento para serem expostas, e não foram parte de atuação e sim das verdades de cada participante. As indagações foram sendo sanadas de forma providencial.

“Não se deve ilustrar a autenticidade superficial dos fatos. É preciso ir mais a fundo. Isso significa: encontrar realmente o homem. Para ganhar confiança dos homens que lutam, você deve lhes dizer por que está fazendo esse filme. A quem você quer mostra-lo. Eles querem discutir com você sobre o que podem fazer para isso. É preciso tentar estabelecer na frente e atrás da câmera... Mas a confiança só não basta. É preciso também estar pronto para aprender um com o outro.” (Apud Ives, 1976)

Antes das gravações, entrei em contato com todos os Benzedeiros e marquei um encontro anterior às filmagens, com o objetivo de ter um primeiro contato que me inserisse de algum modo ao ambiente que lhes é próprio, o que me deixaria até certo ponto mais próxima da realidade das casas dos mesmos, para assim me tornar “um rosto amigo”, o que poderia vir a facilitar nos momentos em que a câmera estivesse ligada.

Visitas que realmente surtiram efeito, tanto que um dos entrevistados no momento em que gravávamos foi além das questões relacionadas ao tema. Ele contou sobre sua vida, suas esposas, coisas que viveu em sua época de moço, sua atual mulher e de como ela é bem mais jovem que ele, enfim, histórias antigas que fizeram parte de sua história e formação.

Ao perceber que ele havia enveredado para falas que não eram de interesse para o documentário, não desliguei a câmera e deixei que ele se sentisse cada vez mais a vontade. Pois, mesmo que o direcionamento da fala não se encaixasse na proposta, tudo que partia dela era história, memória e sabedoria, que podia não ser útil naquele momento, mas que futuramente poderia ser usado numa abordagem ampliada do tema.

3.2 O Processo de realização do documentário “*Os Médicos da Fé*”

Após algumas mudanças e alterações do tema proposto para a criação de um produto de final de curso no decorrer do sétimo e oitavo semestre respectivamente nas disciplinas de Metodologia da pesquisa e da produção em Cinema e Audiovisual / Elaboração de Projetos e na disciplina de realização deste propriamente dita, Projeto experimental em cinema e audiovisual (TCC); em meio a algumas dúvidas como, entre o que abordar e a que tipo de produto audiovisual produzir, resolvi com o conselho e apoio de alguns professores (Macelle Khouri e Cristiano Canguçu) realizar um documentário, sobre o tema em questão, os Benzedeiros.

A dificuldade inicial foi exatamente essa, escolher a que tipo de produção me ater já que, por estar assumindo o projeto sozinha, o tempo e a técnica escolhida seria de fundamental importância para a conclusão e entrega deste na data estipulada.

O tema que inicialmente era o luto complicado, com uma abordagem fictícia utilizando a técnica de *rotoscopia*, logo foi deixada de lado, já que para esta, mesmo com o material fictício todo filmado e com o pré-projeto escrito, não haveria a possibilidade de terminá-la em um tempo hábil já que, animá-la quadro a quadro seria um processo longo e que exigiria um inviável tempo de dedicação, sendo assim, parti para minha segunda opção, a criação do documentário, este que poderia ser finalizado com um tempo menor.

Como desde o início do curso, tive contato com produções de documentário, me senti mais segura e confortável em produzir um produto semelhante. Inclusive, por ter abordado um tema de cunho religioso, misticismo e sincretismo em um dos meus trabalhos, com mais duas colegas, Isa Lima e Marília Silva, no documentário “*Omodé*”, em que uma criança filha e frequentadora de um terreiro, falava um pouco sobre a prática, o que ela entendia sobre o que havia em seu entorno, quem era seu pai de santo, o que cada cômodo representava, o que cada santo significava, qual seu santo, as responsabilidades que esta tinha a partir de então, e tantos outros questionamentos. Tudo para mostrar através dos olhos infantis, uma prática religiosa que por muitas vezes é vista de forma preconceituosa, mas que era abordada através dela de uma forma mais leve. Um projeto que pretendo estender futuramente para outras religiões.

Quanto ao projeto em questão, foi graças a essa bagagem adquirida em produções passadas no decorrer do curso que decidi seguir com um documentário. O tema escolhido foi fácil, já que havia pensado em produzi-lo tempos atrás. Dessa forma, as dificuldades acerca do assunto foram finalizadas.

Fui em busca de materiais que abordassem a proposta, o que resultou numa das fases mais complicadas do processo, já que, inicialmente, pouco encontrei sobre o assunto, e invariavelmente o

material era raso. Eram textos pouco explicativos que, continham informações comuns, e não abordavam o processo histórico da prática religiosa um dos focos do meu projeto, uma discussão necessária para levar o interlocutor à entender como este surgiu, de que forma o sincretismo religioso fez essa prática ser o que é hoje, a importância da fé para alcançar o que se pede, e o risco que a falta da procura pelo aprendizado traz à preservação de sua memória. Em documentários *online* também havia o mesmo padrão de abordagem, nada que pudesse acrescentar de forma mais direta e diferenciada uma nova visão frente ao que já havia visto em tantos outros trabalhos.

Foi discutindo com a prof. Macelle Khouri sobre as dificuldades encontradas na coleta de informações sobre o referido tema, que cheguei ao conhecimento do estudo da prof. Grayce Souza, prof. do curso de História da UESB que abordava em seu artigo, *Ramos, rezas e raízes - a benzedura em Vitória da Conquista*, especificamente a prática dos Benzedeiros, e tudo que os envolve.

A partir daí entrei em contato com a professora Grayce Souza, que prontamente se mobilizou para me ajudar no processo de estudo e coleta de dados, através de seus textos e de outras pesquisas que esta tinha conhecimento, na condição de co-orientadora.

Após o primeiro contato feito com ela, minhas primeiras impressões caíram por terra. Através dela pude ter acesso a alguns artigos que buscavam entender e documentar a prática, possibilitando a formulação de um plano de pesquisa.

Foi também, a partir desse primeiro dialogo que pude ver a real importância de uma pesquisa, de como as palavras certas nas ferramentas de busca online, podem mudar o rumo de uma pesquisa. Pois, ao aprender o que buscar através das primeiras leituras, pude ter acesso a um varal de conteúdo, estudos que vem crescendo nesses últimos tempos.

Portanto, fazendo uma leitura de todo esse material teórico, me certifiquei do que realmente era importante para essa prática e o que, além dos questionamentos feitos anteriormente à leitura do texto, deveria ser agora abordado no documentário. Formulei um questionário com perguntas específicas, um roteiro que tornaria possível abordar o que deveria estar presente no documentário, questões que impulsionariam e direcionariam as falas de meus personagens. Feito isso, com todo o roteiro pronto, parti em busca dos meus personagens!

Toda produção foi pensada em uma única localidade, tanto por logística e acessibilidade, quanto pela natureza do que se buscava, já que os Benzedeiros são encontrados com mais frequência em pequenas comunidades e centros urbanos menores. A localidade escolhida foi Belo Campo, minha cidade natal, o que facilitou meu primeiro contato com os benzedeiros, já que por ser filha da terra e ter uma mãe muito presente na igreja, tornou o contato inicial e todo o percurso e envolvimento com os personagens fluente, de forma tranquila e receptiva. A montagem de um

roteiro de execução do trabalho auxiliou no desenvolvimento das metas a serem cumpridas, de acordo com a tabela abaixo.

2014

Roteiro de execução	
Final de Abril	Pesquisa de campo
Maio	Gravação das entrevistas
Outubro	Edição e montagem
Dezembro	Pós produção

Antes da primeira abordagem direta aos entrevistados, busquei identificar os benzedeiros da cidade, com a intenção de descobrir quais as possibilidades de coleta dos depoimentos. Infelizmente dos 9 listados, ao serem procurados, somente 4 se interessaram e se dispuseram aos mesmos. Um número que considero bom, mesmo que a possibilidade de entrevistas pudesse ser maior, possibilitando um leque de opções, com diálogos diferenciados. Pois, o medo girava em torno de respostas curtas e pouco explicativas, mas felizmente não foi o que aconteceu, já que cada um com sua subjetividade, respondeu as questões de forma objetiva e muito explicativa. Seres únicos, que se apegam a suas crenças e as defendem com todo o fervor.

Dado os quatro Benzedeiros, voltei à Belo Campo para marcar as entrevistas, que ficaram divididas em duplas e cada uma em um período do dia. No primeiro dia, o senhor Chico e o senhor Adalho, respectivamente nos horários da manhã e o outro no horário da tarde.

No segundo dia, foram agendados o senhor Esperdião e dona Ana, também respectivamente pela manhã e pela tarde. Mas infelizmente, no horário previsto, para o senhor Adalho, alguns problemas relacionados com o clima forçaram-nos a remarcar para o dia seguinte. Já que o tempo estava fechado e desfavoreceria a fotografia do documentário. Alterando assim o cronograma inicial de gravações. Por sorte, o senhor Adalho não se incomodou com a mudança e recebeu-nos no outro dia.

Meu grande receio nessa produção era tornar o processo cansativo para os entrevistados, que já estavam em idade avançada, e que indicavam alguns problemas relacionados a doenças que a própria idade também intensificava, sendo assim, qualquer alteração ou erro de minha parte me causava uma pequena frustração, processo que mesmo sendo tratado com muita responsabilidade e cautela, acabou ainda por deixar um pequeno espaço para alguns erros, como o que ocorreu no momento da entrevista do senhor Chico. Ele que já está na casa dos cento e oito anos de idade, respondeu de forma consciente e bem explicativa todas as perguntas, mas infelizmente em dado momento as pilhas do microfone lapela se esgotaram e o áudio acabou não sendo gravado.

Ao conferir as imagens, ainda lá, pude perceber o erro, mesmo relutante, pedi a ele que repetisse somente uma das orações que considerava de fundamental importância para o documentário, ele voltou a refazer-la, assim como o homem que recebia a oração, ambos sem pestanejar ou reclamar. Para não tornar aquilo cansativo, algumas das falas que haviam sido perdidas, não foram regravadas, para privá-lo do esforço, acabei por utilizar o áudio da câmera na mão que estava comigo.

Claro que o áudio sofreu uma perda, mas nada que soasse muito gritante no final. E como a falha do lapela ocorreu no fim da entrevista, pouco deste material com o áudio reserva foi utilizado.

Algo que também me incomodou no momento da coleta das imagens da benzedura do senhor Chico, foi o instante em que um telefone tocou, o que não partiu da equipe, já que os aconselhei que desligassem seus telefones, exatamente para que isso não ocorresse. Na verdade o telefone em questão era de alguém da casa. Infelizmente, esse detalhe não pôde ser resolvido no momento da edição. E também acabei não cogitando a regravação da cena pela terceira vez, exatamente por todo o processo estressante ocorrido anteriormente e por acreditar que tal interferência não causou nenhum impacto prejudicial à cena.

Ainda com o senhor Chico, tive alguns problemas relacionados a fotografia, já que o quarto em que este fazia suas benzeduras era pequeno e a porta de acesso a ele era muito estreita, o que dificultou a montagem do plano, já que a lente 50mm é fixa e forçava um afastamento do objeto, mas que ao mesmo tempo pedia que houvesse uma aproximação do mesmo, já que ela captava as bordas da porta. Mas com várias tentativas de achar o melhor ângulo e com um pouco de observação o contratempo acabou sendo resolvido.

Um outro problema que acabei notando enquanto observava as gravações colhidas nos dias anteriores, foi a falta de foco que ocorreu na câmera fixa central em alguns momentos das entrevistas. Algo que só percebi após o trabalho externo completo. Uma falha que não tive como controlar no momento das entrevistas, já que enquanto a câmera central colhia as imagens, eu estava com uma outra solta fazendo outros planos e *inserts*.

Na verdade, tudo foi ajustado no início das gravações, mas os entrevistados acabavam por gesticular muito e sair, mesmo que pouco, do ângulo inicial, o que juntamente com a lente 50mm 1.8, que perde foco facilmente com diafragma bem aberto, acabou por acentuar isso em alguns momentos. Desfoque que foi proposital, já que queria manter o fundo com um bom grau de desfoque, mas que acabou aparecendo em alguns momentos em lugares que não deveriam, como no rosto dos entrevistados. Claro que em poucos momentos, mas que já incomodaram-me na leitura visual.

Não foi somente para trabalhar vários planos e deixar o documentário mais dinâmico que serviram as imagens de mão, mas também foram colhidas com essa intenção, feitas com a T3i,

lente 18-135, também serviram em vários momentos como *inserts*, que supriram a necessidade de outras com algum tipo de “erro”, deixando o produto final, com falhas que na câmera central eram visíveis, como o desfoque citado anteriormente e que graças a elas ficaram sutis ou quase não perceptíveis.

Em relação aos equipamentos, grande parte deles foram emprestados, dos colegas, Andreia Almeida, Anderson Cleiton e Gesiel Boa Sorte, a produção só foi realizada graças ao apoio dos mesmos, e da Produtora Universitária de Vídeo (PROVÍDEO) que também apoiou com um dos equipamentos, o microfone lapela. No fim, os gastos foram abaixo que o esperado, já que só houve gasto final com um HD externo, veja na tabela a seguir:

Gastos com equipamentos	
Microfone Lapela	0,00 R\$
2 T3i- 18/135mm e 55mm	0,00 R\$
Mac – processador 2.5, GH2, Intel Core i5	0,00 R\$
Fresnel Dixel 650w com lâmpada de 220v	0,00 R\$
HD externo 1Tera	310,00 R\$
Total	310,00 R\$

Tive o apoio nas gravações de uma equipe composta por membros de minha família. Meus pais, Celma Gomes e Ademar Brito, ficaram responsáveis pela operação de equipamentos, pela parte técnica da iluminação. Como responsável também pela direção de fotografia, montei toda a iluminação que acreditava ser necessária, de acordo as possibilidades de equipamentos que tinha em meu alcance, então os orientei para que tentassem seguir aquele padrão montado inicialmente. Já minha irmã ficou responsável pela a câmera central onde o lapela ficava acoplado. Veja detalhadamente na tabela.

Recursos Humanos	Pessoal	Gastos
Direção, Fotografia, Sonorização, Edição e Montagem	Thaminy Brito	0,00 R\$

Tecn. Iluminação	Ademar Oliveira e Celma Gomes.	0,00 R\$
Operador de Câmera	Sabrina Brito e Thaminy Brito	0,00 R\$
Operador de Áudio	Thaminy Brito	0,00 R\$
Total		0,00 R\$

Infelizmente não a orientei para que observasse para uma possível falta de carga na bateria, tanto que isso ocorreu e passou de forma indiferente até que ouvíssemos o áudio. As direções ficaram todas a meu cargo, tanto a geral do documentário, quanto da fotografia, sonorização, além da direção de produção. A parte técnica do áudio e a edição também ficaram sobre minha responsabilidade, uma vez que tenha optado por um trabalho individual na conclusão do curso.

3.3 Pós-produção

Na pós-produção, o momento da montagem exigiu uma boa dedicação, principalmente nos momentos de transição, onde as orações eram utilizadas na maioria das vezes com a função de ligar as falas dos entrevistados, conferindo-lhes dinamismo e exemplificando-as. Grande parte delas eram muito grandes, o que poderia tornar o material um pouco cansativo nesses momentos.

Para não deixá-las muito prolongadas, a solução que encontrei foi desmembrá-las e colocá-las em momentos diferentes do filme, mas sempre pensando na narrativa e em como não afetar as construções das orações, nunca deixando-as incompletas, para o bom entendimento dos espectadores do trabalho.

Tive uma pequena dificuldade em retirar algumas falas do senhor Chico, que volta e meia, em meio às falas, voltava-se para comentários relacionados à esposa, que segundo ele, sempre foi boba por ter se casado com ele, e acreditava que somente por seu dinheiro ela teria aceitado casar-se com ele.

Grosso modo, a montagem aconteceu de forma fluente, já que ao trabalhar com um roteiro e com questões que deveriam ser abordadas sempre pensando no esqueleto que queria para o documentário, a montagem foi relativamente fácil, somente segui o que havia construído anteriormente.

Foi exatamente durante a montagem que resolvi focar somente na matriz de influência católica, primeiro porque o senhor Esperdião que era o único benzedeiro que possuía em meio à

outras imagens de outras influências religiosas, uma relacionada a um Preto Velho, e por não haver respondido de forma concisa às questões, sendo sempre breve em seus comentários.

Senti assim a necessidade de me focar em uma temática específica dentre as nuances do tema proposto, o cuidado em abordar mais de uma matriz e deixar algo a desejar foi grande. Então, para me certificar da compreensão dos interlocutores acerca da temática e tentar produzir um documentário o mais redondo possível, tornou-se necessário não utilizar as falas do senhor Esperdião, deixando somente os três benzedeiros de matriz católica presentes no documentário, uma escolha difícil, mas que se fez necessária para que não faltassem muitas questões a serem discutidas.

3.4 Questões que permearam o documentário

Todas as questões foram de fundamental importância para que o objetivo inicial fosse alcançado. Os personagens do documentário responderam de forma explicativa e direta a questões que abordam desde a história e aprendizagem, até suas funções, objetos de uso e o medo que os mesmos tem de que essa prática deixe de existir.

Em um outro texto de Souza, *BENZEDURA E MENTALIDADE: SOBREVIVÊNCIA DE UMA PRÁTICA HISTORICAMENTE ACUMULADA* (2003), o ensinar e aprender benzeduras não ocorre de forma aleatória, existem regras a serem cumpridas, tanto por quem ensina quanto por quem aprende. Na sua pesquisa ela constata que a para tanto, o aprendiz tem que ter fé em seu ofício, ter uma boa memória: para conservar as orações da forma que lhes foi passada; ajudar a todos, independente de quem seja; e não cobrar pelos serviços, já que o Dom é dado por Deus.

A autora divide em duas as formas de se obter o dom, são elas:

“a constatação pode acontecer através de uma visão ou revelação por meio de um espírito ou uma divindade; pode ser mediante um “dom inato”; uma evidência e uma necessidade; pode iniciar como uma retribuição de uma graça alcançada, pagamento de uma promessa, por exemplo; pode ter recebido um aviso ou escutado uma voz; uma necessidade, ou mesmo uma preocupação em ajudar o próximo; uma herança deixada por sua mãe, avó ou outras pessoas mais próximas; ou ainda por meio de uma cura obtida.

Já a segunda era aquela ensinada, herdada. O poder de benzer e preparar soluções para curar determinadas doenças era ensinada por um membro da família. Daí saiu o primeiro questionamento, que referia-se a como tiveram o primeiro contato com a prática que hoje realizam.

Todos os entrevistados indicaram em suas respostas que tiveram um aprendizado oral através de seus antepassados ou pessoas relacionadas à família. O senhor Chico, remeteu-se a mãe

que benzia e também era parteira. O senhor Adalho associou essa responsabilidade a seus pais que, por sua vez, aprenderam com seus avós. Já dona Ana afirmou que foi através das orações que ouviu somente uma vez de sua avó, também benzedeira, que começou a benzer. Ela também justificou dizendo que é um dote que Deus lhe deu, visto que foi preciso ouvir somente uma única vez para assimilar tudo.

Em um dos depoimentos citados por Nery podemos ver a semelhança de histórias entre as varias formas das descobertas dos dons, reafirmando os argumentos acima e que independem de região, uma história que se assemelha com a do senhor Adalho:

“Conhecido por Tônico, o benzedor Antônio Carlos Pereira, de 47 anos, que mora em Uberlândia, diz que tem muita fé no poder da natureza. “Meus bisavós eram índios e tinham o conhecimento das ervas”, ele conta. É por esta razão que ele usa muitas plantas em suas benzeções e faz questão de respeitar as matas como também o sol, a lua, a terra e o ar. “Deus é tudo isso”, ele diz, acrescentando que não benze depois do por do sol. Os finais de semana, sábados e domingos (Nery, p.13).

A questão seguinte remeteu-se às funções exercidas por eles. Quando questionados, todos afirmaram acreditar que estavam ali para interceder a Deus pelos que necessitavam, buscando a cura por meio da oração e da “farmácia natural”, dos remédios que ali estavam sendo oferecidos gratuitamente e que foram deixados por Deus. Afirmavam que socorrer as pessoas que ali chegavam com necessidades era a sua função e desejavam contribuir para o bem estar das mesmas.

A terceira pergunta era relacionada aos objetos utilizados nos momentos da benzedura, onde foi perceptível a relação entre os benzedeiros e a utilização dos elementos da natureza, como os ramos usados em contato com o corpo das pessoas no momento das orações. A senhora dona Ana chegou a pontuar que, só deveriam ser utilizados ramos com números ímpares, que só poderiam ser de: três, cinco, sete ou nove ramos. Ela também citou a utilização do terço de Nossa Senhora no momento de suas preces.

Já senhor Chico, utiliza-se não só dos ramos, como também do cordão de São Francisco e do sino, objetos que tem questão de explicar a função:

“É olho ruim e quebrante que tem, o ramo murcha. E quando rezo assim, com o cordão aqui, ele pega a abrir a boca. É olhado ruim e quebranto, oi ruim!” (Senhor Chico)

“Oh, chegar aqui um espírito ruim eu bato o sino ele espanta. A mulher aqui saltou, quando eu bati ela saltou, saltemos ali e tranquemos aqui. Ô serviço medonho, a mulher quase me vence, mas Deus foi mais.” (Senhor Chico).



Momento em que o Senhor Chico utiliza ramos para benzer. Foto: Thaminy Brito.

Uma das exigências feitas pelos três entrevistados e que são citados também no texto de Nery, é relacionada ao momento da bezeção, momento em que o doente não deve cruzar as mãos, pernas ou pés, pois as rezas não fariam efeito.

Em relação as doenças pelas quais intercedem, todos afirmaram pedir pela cura do: vento virado, quebrante, olho ruim, dor de cabeça, carne quebrada, nervo rendido, carne desconjuntada, enfim, por doenças físicas e da alma.

Segundo as bibliografias, utilizadas algumas dessas enfermidades seriam reconhecidas através:

O vento virado seria uma doença que se apresentaria através de quedas frequentes e de uma franqueza notada também pela falta de alimentação adequada. Manifestada com a diarreia e “encurtamento de uma perna”.

No quebranto, a pessoa sentisse desanimada, enjoada, sonolenta, com *abrição de boca*, o que ocorre graças ao que os benzedores intitulam de “mal olhado/olho gordo”. Enfermidade que pode ser causada por pessoas desconhecidas e até familiares, que muitas vezes não desejam mal algum para o indivíduo que o recebe. Segundo Nery, as crianças acometidas de quebranto, devem ser bezidas por três vezes, com palavras pronunciadas de formas que sejam sussurradas, o que nos impede de entendê-las, e sendo destinadas aos anjos da guarda da criança.

Há inclusive alguns sinais percebidos durante a reza que indicam se o mal olhado foi colocado por homem ou mulher. Alguns benzedeiros descobrem tal especificidade ao bocejar enquanto benze, se isso ocorrer no momento da oração do Pai-nosso o olhado viria de um homem, mas se ao invés disso fosse ao proferir a oração de Nossa-senhora, teria sido posto por uma mulher.

A carne quebrada seria como uma luxação em qualquer parte do corpo. Normalmente no momento das orações os benzedores utilizam-se de uma agulha e um novelo de lã para “coser” simbolicamente o mal acometido do enfermo.

A espinhela caída normalmente é causada por excesso de peso que o enfermo carrega. A medida feita para descobrir se está ou não caída é realizado com o auxílio de uma linha de algodão que mede do dedo anular ao cotovelo. Tomando essas medidas, passa-se a linha duas vezes em volta da cintura da pessoa. Se faltar um ou sobrar um palmo, a espinhela está caída. Também, segundo Nery, a outras formas de fazer essa medição: “Tira-se a medida com um fio de algodão ou uma toalha, a benzedeira mede da ponta do dedinho à ponta do cotovelo. Depois de um ombro ao outro. Se coincidirem as medidas, a espinhela está normal. Se não coincidirem, a espinhela está caída. Outras benzedeiros medem o tamanho do braço em posição vertical para depois tirar a medida nos ombros.” (p. 8). A cura vem através de orações específicas para essa enfermidade.

Já em relação às cobranças feitas após a benzedura, eles asseguraram não cobrar mas, senhor Chico disse receber caso alguém queira lhe dar algo em agradecimento. “Eu não sou apurador, eu não cobro. Outra dá o que quiser, outro não dá nada.”(Senhor Chico).

Após essa primeira bateria de questões, pedi aos mesmos que contassem casos de pessoas que alcançaram a cura após suas orações e remédios. Dona Ana conta sobre a amiga de São Paulo que entrou em contato desesperada, pedindo intercessão pelo marido que havia recebido um tiro e que depois das orações o mesmo foi curado. Uma outra do Senhor Chico, que relata sobre o medicamento que fez para uma criança com hepatite, que ficou bem após ingeri-la. E senhor Chico admite que, através da oração, retirou um espírito ruim de uma garota. Mas todos, em momento algum deixam de citar Deus como o autor “obra”.

Ao questiona-los sobre a procura por suas bênçãos e medicamentos, sobre essa relação forte com a fé que as pessoas deveriam ter para procura-los, de como era hoje em dia, se a procura era sempre constante, todos eles afirmam que sim, que ainda eram grandes mas, que o número realmente tem caído. Senhor Adalho vai mais longe e dá nome às causas, ele afirmou que o motivo de muitos não acreditarem mais em suas funções é causada pelas novas religiões e que Deus é um só. E ainda citou a confusão que muitos fazem entre sua casa e os terreiros de “macumba”. Logo depois ele garante que é católico e que não há relação alguma entre eles.

O trecho em que ele cita e critica de forma direta os terreiros, não é exposto no documentário, para privar a imagem do entrevistado e para não envolver de forma explícita

nenhuma outra religião, doutrina ou culto, buscando não adentrar diretamente em uma discussão que não me propus inicialmente.

Em outra questão, busco compreender o que eles acham sobre a influência da ciência que avançou no decorrer dos anos, se isso veio a influenciar também na procura das pessoas pelas suas benzeduras. Eles concordam que sim, que a fé vem se tornando cada vez mais escassa, o que em conjunto com a evolução da medicina, tornou a procura menor, mas dona Ana adverte: “Era um remédio caseiro que curava o povo, hoje tem médico, tem médico e o povo está morrendo de tanta doença que ninguém nunca ouviu falar!” (Dona Ana).



Dona Ana. Foto: Thaminy Brito.

Senhor Adalho não faz descaso algum contra a medicina tradicional e ainda faz uma ressalva, dizendo que há coisas como a cirurgia que a medicina resolve muito bem, mas que diferente dos médicos eles não se utilizam de mais nada além só da fé e da natureza.

Após esse diálogo, partimos então a importância de se manter a prática dos benzedeiros viva, eles afirmam que tudo que fazem é em busca de salvar vidas, pois tudo que aprenderam é um dom de Deus, e sendo assim, eles devem usá-lo sempre para o bem do próximo. O senhor Adalho colocou sabiamente que “Deus morreu por nós, então vamos nos sacrificar por nossos irmãos... porque Deus deixou nós pra isso.”

Ao questionar mais uma vez senhor Adalho sobre as ervas e plantas que utilizava em seus remédios e purgantes mas, ciente de sua relação com a cultura indígena após ter uma conversa anterior a entrevista, induzi-o a fim de que este cita-se sua relação direta com o povo indígena, já que sua tataravó era índia e conhecia muitas ervas e suas funções medicinais. Segundo ele, foi através dela que sua família aprendeu sobre as ervas e suas funções curativas. Um dado que confirma a relação feita anteriormente no texto, quando é colocado que os benzedeiros tiveram influência de vários povos e culturas.



Senhor Adalho. Foto: Thaminy Brito.

“Eu sou família de índio, minha tataravó foi pegada com cachorro no mato, e eles preparavam medicamento no mato. Essas raízes de teiú, é panhado no mato, os índios que descobriram, não foi nós. Nossos antepassados que descobriram os medicamentos e deixou para nós usar e deixar a continuidade.” (Senhor ADALHO)

Questionados se estavam passando adiante toda sua sabedoria relacionada a prática, eles afirmaram que ninguém tem procurado aprender, senhor Adalho ainda comenta que seus filhos conhecem as ervas, mas não cita as benzeduras. Mais uma questão de fundamental importância, que por meio deles foi apresentada. A prática corre um sério risco de se extinguir caso ninguém se atente a ela e busque passa-la adiante.

“Eu ainda não ensinei, porque ninguém procura por ensinar. Já ensinei uns, mas falam que não entra na cabeça. Mas é bom aprender, porque está acabando as pessoas que rezam gente né?” (Dona Ana).

Souza e Nery também questionam em seus textos o quanto essa prática vem perdendo força em relação à sua transmissão. Nery expõe o risco dessa prática milenar de se extinguir por falta de interesse das novas gerações e pela falta de fé que hoje acomete muito mais à população.

“A verdade é que hoje, já não é tão fácil encontrar benzedores, que geralmente vivem nos povoados rurais. Eles são pessoas de vida exemplar, servindo de referência para os moradores do lugar.”(Nery, pag. 14)

Para finalizar, a entrevista, questione-os sobre qual seria a importância em deixar alguém que continue a benzer? Todos afirmam que era indispensável deixar benzedores praticando, já que era algo presente a séculos na sociedade. “Deus jamais permitiria”. Jamais permitiria que tal prática se extinguisse.



Cordão utilizado por seu Chico para benzer. Foto: Thaminy Brito.

“É bom ir deixando pra trás benzendo por mais pouco, benzendo de pouco a pouco, porque se acabar tudo, acaba o mundo, acaba os benzedor. Então se acabar disso tudo fica ruim, outra hora quando tiver precisão como é que faz? Tem que deixar ali gente, uma reserva pro fim da vida”.(Senhor Chico)

E sempre assim, sem a necessidade de questionamentos eles sempre voltavam a importância que Deus tinha em todo o processo. Afirmavam que, para a cura ser feita, o mais importante era a fé em Deus, sem a fé as preces não servem de nada, porque “O maior médico do mundo é Deus! Deus sabe tudo que nós estamos sentindo, se nós ter fé e pedir ele, ele cura, porque ele é o medico dos médicos.”(Dona Ana). Já o senhor Adalho remete-se ao tema dizendo que “ A gente faz a prece, oferece a Deus, pra Deus fazer a obra pra gente. Porque a gente não tem poder, quem tem poder é Deus.”

Assim, a experiência na realização do documentário demonstrou a importância dos saberes transmitidos através das gerações, além da necessidade do registro das mesmas, uma vez que, estejam à margem dos hábitos contemporâneos da sociedade moderna e preservados apenas nas pequenas localidades distribuídas país afora.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho teve como meta abordar o período histórico que cerca os benzedeiros, desde sua formação, até seu momento atual, sua importância e os sérios riscos de desaparecimento das práticas exercidas por esses na contemporaneidade. Para tanto, o objetivo de conscientizar acerca da importância de preservação dessa tradição, apresentando-a para o público através do documentário, visa estimular uma conscientização dos interlocutores sobre os hábitos enraizados nas pequenas localidades, a partir dos depoimentos coletados com os benzedeiros.

O documentário *Médicos da Fé* busca abordar através de um material audiovisual a presença viva de uma tradição secular, oriunda dos indígenas, africanos e europeus cristãos que deram origem a rica cultura brasileira. Pontuando o quão importante é essa prática para a manutenção de um grupo de tradições orais subjugadas pelas atuais demandas de progresso da sociedade.

Outro fator observado é que muito embora a evolução das sociedades modernas criem indivíduos cada vez menos apegados à mecanismos da fé para a resolução dos problemas, ainda há, nessas pequenas comunidades, como Belo Campo, região alvo do documentário, um grande número de pessoas que se utilizam do trabalho dos benzedeiros para auxiliá-los nas questões de saúde ou do espírito.

Por referir-se a uma prática ligada à transmissão oral dos conhecimentos ficou nítida a predominância de benzedeiros idosos que guardam consigo as informações sobre o uso das ervas e das rezas utilizadas nos rituais de benzeduras, esses assim funcionam como um elo entre o indivíduo afetado por doenças físicas ou espirituais, as forças da natureza, através das plantas utilizadas, e o sobrenatural representado nos problemas da alma.

As práticas das benzeduras tem ajudado pessoas debilitadas que acreditam e tem fé em Deus e no poder que ele tem, sobretudo, para superarem os seus problemas, desmistificando rótulos e preconceitos e acima de tudo proporcionando esperança na continuidade dessas tradições.

Não houve preocupação demasiada dos benzedeiros em relação à preservação e continuidade de seu ofício, ficou nítida a questão de um dom sobrenatural recebido por cada um deles, à prática da benzedura então, seria oriunda desse dom, aliado aos saberes transmitidos pelos antepassados ou parentes que os instruíram.

A realização dos rituais das rezas ocorrem gratuitamente, não é cobrado nenhum valor por parte dos benzedeiros para executá-los, estes aceitam porém presentes, ajudas, ou algo que o benzido queira ofertar, o que nos remete ao fato de salientarem que seu dom veio de graça e que para realizá-lo devem fazê-lo de graça também. O que evidencia a fé como fonte de preocupação sem interesses que os mesmos praticam.

Assim, no decorrer do trajeto de realização do documentário, o que encontrou-se foi a resistência de uma arte tradicional que não foi sufocada pela evolução da sociedade, preservada em pequeno número, mas viva e presente no cotidiano de muitos indivíduos nos arredores país afora.

5. REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Elia Barbosa. **Cultura Afro-Brasileira e Indígena**. Aracaju: UNIT, 2011.
- ALMEIDA, Fernanda Cordeiro. **História do Brasil Colonial**. Aracaju: UNIT, 2011.
- CRUZ, José Vieira. **Formação Sócio-Histórica do Brasil**. Aracaju: Gutemberg, 2010.
- DANTAS, Vladimir José. **História e Memória**. Aracaju: UNIT, 2012.
- GAUTHIER, Guy. **Documentário: Um outro Cinema**. Papiros Editora, 2011.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro, 2006.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura, Um Conceito Antropológico**. Ed. 14. Rio de Janeiro, 2001.
- NERY, Vanda Cunha Albieri. **Rezas, Crenças, Simpatias e Benzeções: costumes e tradições do ritual de cura pela fé**. Uberlândia/MG.
- NORA, Pierre. **Entre Memória e História**. A problemática dos lugares. São Paulo, 1993.
- RIBEIRO, Darcy. **O povo Brasileiro: a formação e sentido do Brasil**. Companhia das Letras, 1995.
- SOARES, Sérgio j. Puccini. **Documentário e Roteiro de Cinema: da pré-produção à pós-produção**. Campinas, 2007.
- SOUZA, Grayce Mayre Bonfim. **Benzeduras e Mentalidade: Sobrevivência de uma Prática Historicamente Acumulada**. João Pessoa, 2003.
- SOUZA, Grayce Mayre Bonfim. **Ramos, Rezas e Raízes**. A Benzedura em Vitória da Conquista. São Paulo: PUC, 1999.
- Povos Indígenas no Brasil Mirim. **Quem são**. Disponível em: <<http://pibmirim.socioambiental.org/quem-sao>>. Acessado em 13 de Abril de 2014.
- Dicionário Aurélio. **Significado de Memória**. Disponível em: <<http://www.dicionariodoaurelio.com/Memoria.html>>. 2008-2014. Acessado em 15 de Abril de 2014.
- IBGE. Diretoria de Pesquisas - DPE - Coordenação de População e Indicadores Sociais - COPIS. **Belo Campo**. 2014. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=290350&search=bahia|belo-campo|infograficos:-informacoes-completas>>. Acessado em 30 de novembro de 2014.

Data: 23/05/2014

OS MÉDICOS DA FÉ

Thaminy Gomes Brito	Os Médicos da Fé	1
PRODUTORA	TÍTULO DA PRODUÇÃO	NÚMERO DA FICHA DE ANÁLISE TÉCNICA
Cena 1	Casa Sr. FRANCISCO JOAQUIM AGUIAR	Ext/ Dia
Quintal do entrevistado	LOCAÇÃO	
DESCRIÇÃO		1ª pg
Corredor da casa do seu Chico		
ENDEREÇO		CONTAGEM DE PÁGINAS

CONVIDADOS DEPOIMENTO Benzedor Seu Chico	ATMOSFERA Clara, ensolarada	
EFEITOS ESPECIAIS Não haverá	OBJETOS DE CENA Plantas no corredor	VEÍCULOS Não há
FIGURINO Roupas do entrevistado.	MAQUIAGEM/CABELO Aparência natural, sem maquiagem	EFEITOS SONOROS/MÚSICA Oração do seu Chico
EQUIPAMENTO ESPECIAL Não há	NOTAS DA PRODUÇÃO Posicionamento distanciado no corredor estreito.	CENOGRAFIA Não há

Data: 23/05/2014

FICHA DE ANÁLISE TÉCNICA

Thaminy Gomes Brito	Os Médicos da Fé	2
PRODUTORA Cena 2	TÍTULO DA PRODUÇÃO Casa do sr. FRANCISCO JOAQUIM AGUIAR	NÚMERO DA FICHA DE ANÁLISE TÉCNICA INT/ DIA
LOCAÇÃO Benzedor Seu Chico, realiza ritual de benzedura		
DESCRIÇÃO Sala de benzedura		
LOCAÇÃO	CONTAGEM DE PÁGINAS 1ª pg	

CONVIDADOS DEPOIMENTO Benzedor Seu Chico	ATMOSFERA Cálida, aconchegante, misteriosa	
EFEITOS ESPECIAIS Não haverá	OBJETOS DE CENA Altar Adornos religiosos	VEÍCULOS não há
FIGURINO Roupas do entrevistado	MAQUIAGEM/CABELO Aparência natural, sem maquiagem	EFEITOS SONOROS/MÚSICA Sons da reza
EQUIPAMENTO ESPECIAL Não há	NOTAS DA PRODUÇÃO Não há	CENOGRAFIA Mesa de madeira Cadeiras de madeira

Data: 23/05/2014

FICHA DE ANÁLISE TÉCNICA

Thaminy Gomes Brito	Os Médicos da Fé	2
PRODUTORA Cena 3	TÍTULO DA PRODUÇÃO Casa do Sr. ADALHO PEREIRA DE SOUZA	NÚMERO DA FICHA DE ANÁLISE TÉCNICA EXT/DIA
LOCAÇÃO O entrevistado fala da prática das benzeduras		
DESCRIÇÃO Jardim da casa do Entrevistado		1ª pg
LOCAÇÃO	CONTAGEM DE PÁGINAS	

CONVIDADO DEPOIMENTO Sr. ADALHO PEREIRA DE SOUZA	ATMOSFERA Paisagem natural	
EFEITOS ESPECIAIS Não há	OBJETOS DE CENA Cadeira	VEÍCULOS não há
FIGURINO Roupas do entrevistado	MAQUIAGEM/CABELO Aparência natural, sem maquiagem	EFEITOS SONOROS/MÚSICA Não há
EQUIPAMENTO ESPECIAL Não há	NOTAS DA PRODUÇÃO Não há	CENOGRAFIA Móvel do entrevistado

FICHA DE ANÁLISE TÉCNICA

Thaminy Gomes Brito	Os Médicos da Fé	4
PRODUTORA Cena 4	TÍTULO DA PRODUÇÃO Casa de D. ANA SANTOS CORDEIRO	NÚMERO DA FICHA DE ANÁLISE TÉCNICA EXT/DIA
LOCAÇÃO A entrevistada fala sobre a prática da benzedura		
DESCRIÇÃO Jardim da casa de D. ANA SANTOS CORDEIRO		1ª pg
LOCAÇÃO		CONTAGEM DE PÁGINAS

CONVIDADOS DEPOIMENTO Benzedeira Ana Santos Cordeiro	ATMOSFERA Paisagem natural	
EFEITOS ESPECIAIS Não haverá	OBJETOS DE CENA Cadeira	VEÍCULOS Não há
FIGURINO Roupas da entrevistada	Aparência natural	EFEITOS SONOROS/MÚSICA Sem Efeitos
EQUIPAMENTO ESPECIAL Não há	NOTAS DA PRODUÇÃO Não há	CENOGRAFIA Cadeira